

Fixação do parâmetro do sujeito nulo na aquisição do português europeu por hispanofalantes¹

Célia G. Mendes e I. Carolina Iribarren
Universidad Simón Bolívar

1. Introdução

Segundo a teoria da Gramática Universal (Chomsky, 1981/1993), as crianças adquirem a sua língua materna (L1) através de um processo no qual a interacção do *input* disponível com a Gramática Universal (GU) desencadeia a formação da gramática da L1. De acordo com este modelo de aquisição da linguagem, as crianças têm acesso a uma GU, ou seja, a um conjunto de princípios invariáveis e de parâmetros que variam segundo as línguas, os quais restringem a possibilidade de variação das mesmas, limitando assim a construção de gramáticas. Na adaptação deste modelo teórico à aquisição de uma segunda língua (L2), as diferenças baseiam-se nas características do estado inicial em que se encontra o aprendiz. Uma criança inicia a aquisição da sua L1 a partir de um estado inicial S_0 , i.e., de um conjunto de princípios universais e de parâmetros que deverão ser fixados segundo os dados fornecidos pelo *input*. Um adulto que se encontra no processo de aquisição de uma L2 não começa desse mesmo S_0 , mas sim de um S_1 (Cook & Newson, 1996), uma vez que já dispõe de uma gramática – a gramática da sua L1. Supõe-se que, se há acesso à GU na aquisição de L2, então os aprendizes deverão aplicar os princípios universais na formação das suas interlínguas (IL) (Selinker, 1972/1991), ou seja, das suas gramáticas sucessivas da L2, e, por conseguinte, levar a cabo uma refixação de parâmetros sempre que o valor estabelecido para a L1 não corresponda ao valor dado para a L2.

Procurando comprovar o acesso à GU e a consequente possibilidade de refixar parâmetros, os investigadores têm centrado os seus esforços em casos nos quais o valor da fixação de um parâmetro é diferente na L1 e na L2 (Flynn, 1989; Herschensohn, 1998; Isabelli, 2004; Kong, 2001; Licerias, 1989; Lozano, 2001; Phinney, 1987; Register, 1990; White, 1985, 1986). A hipótese que tentam, portanto, certificar é aquela segundo a qual os aprendizes começam a aquisição de uma L2 a partir de uma fixação não marcada (com ou sem influência da L1), uma vez que os valores do parâmetro em

¹ Este artigo pretende dar a conhecer dados parciais de uma investigação de carácter mais amplo, especificamente no que concerne a aquisição dos pronomes pessoais sujeito nulos, tanto referenciais como expletivos. Nessa investigação (Mendes, 2007), aprofundam-se outras questões essenciais, tais como a possibilidade de existência de um comportamento linguístico diferenciado segundo o nível de competência do aprendiz na L2 ou a existência de um aglomerado de propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo. No presente artigo, não faremos referência a estes dados, dada a exiguidade do espaço disponível para a sua completa e devida apresentação.

questão para a L1 e para a L2 são diferentes. Parte-se, na maioria dos casos, do princípio de que o aprendiz regressa a uma posição neutra de fixação do parâmetro sempre que os dados lhe indicam que o valor da L2 não é equivalente ao da L1. Pelo contrário, quando os dados não contradizem ou invalidam a aplicação do valor do parâmetro fixado para a L1, esta aplicação é alargada à L2. Por outro lado, alguns autores como Phinney (1987) defendem a ideia de que o aprendiz de L2 “começa com os valores da L1 e generaliza-os para a L2, até que os dados do *input* o obriguem a refixar” (p. 226). Para esta autora, portanto, a hipótese de que o aprendiz de L2 possa começar de zero, de uma posição neutra, é impossível.

A questão que nos colocamos é, no fundo, a mesma que se colocam os investigadores anteriormente mencionados: interessa-nos saber se há refixação de parâmetros na aquisição de L2 e, por conseguinte, acesso à GU. Não obstante, tentámos dar resposta a esta pergunta de uma forma diferente da usualmente utilizada pelos investigadores que trabalham nesta área: procurámos a nossa resposta na aquisição de um parâmetro não com valores diferentes na L1 e na L2, mas sim com valores idênticos. Para tal fim, decidimos trabalhar com a fixação do valor do parâmetro do sujeito nulo na aquisição do português europeu (PE) por hispanofalantes – o PE e o espanhol são ambas línguas [+*sujeito nulo*]. Os estudos que investigam a aquisição de uma L2 com um valor para um dado parâmetro diferente do valor da L1 dos aprendizes procuram averiguar se os sujeitos transferem o valor do parâmetro da sua L1 ou se começam logo a utilizar o valor correspondente à L2. No nosso caso, L1 e L2 têm o mesmo valor, pelo que, em princípio, se os hispanofalantes aprendizes de PE como L2 utilizam, desde o início do seu processo de aprendizagem, os pronomes pessoais sujeito nulos de forma coincidente à forma em que os utilizaria um falante nativo de PE, isso não nos permitiria concluir quer a favor da transferência do valor do parâmetro da L1 para a L2 quer a favor da aceitação do valor do parâmetro da L2, uma vez que os dados a reunir para comprovar uma ou outra hipóteses seriam os mesmos. No entanto, se não se observa uma coincidência entre os juízos linguísticos dos hispanofalantes aprendizes de PE e os juízos linguísticos dos falantes nativos de PE, ficaria aberta a porta a uma terceira possibilidade: a refixação do valor de um parâmetro pode não ser questão de começar com o valor da L1 ou com o valor da L2 mas antes de regressar a uma posição neutra, que não se identifica como [+*sujeito nulo*] ou [–*sujeito nulo*], o que poderia implicar a existência de acesso à GU.

2. Estudo

Para levar a cabo este estudo, decidimos analisar o comportamento linguístico de um grupo de falantes nativos de espanhol estudantes de PE L2 no que diz respeito à utilização/omissão do pronome sujeito nulo e comparar os dados obtidos com os comportamentos correspondentes de falantes nativos de PE. Uma vez que decidimos estudar um caso de fixação de um parâmetro com valor igual na L1 e na L2 em estudo, não podemos esperar violações ao parâmetro, como se poderia, eventualmente, esperar de uma situação em que as L1 e L2 tivessem valores diferentes atribuídos ao mesmo parâmetro. Por conseguinte, neste estudo analisamos as preferências linguísticas

demonstradas pelos aprendizes, comparando-as com as preferências dos falantes nativos de PE. Por preferências linguísticas entendemos a decisão de utilizar ou não um pronome sujeito nulo: numa determinada situação ou contexto, um falante prefere, por razões de variada natureza, utilizar um sujeito expresso ou um sujeito nulo – nesse momento, demonstra uma preferência linguística.

Com o objectivo de recolher dados que espelhassem o comportamento linguístico dos sujeitos relativamente à utilização ou omissão do pronome sujeito nulo em PE, utilizaram-se três testes: um teste de aceitabilidade, um teste de preenchimento de espaços em branco e um teste de produção escrita. Os testes seleccionados tinham como objectivo determinar se as intuições dos hispanofalantes aprendizes de PE como L2, quanto à omissão ou realização do pronome sujeito nulo, se aproximam das intuições dos falantes nativos de PE. Os testes escolhidos permitiram-nos, deste modo, recolher dados sobre a preferência pela utilização ou pela omissão do pronome sujeito nulo em frases e fragmentos de textos isolados de contexto (teste de aceitabilidade), em textos lacunares que forneciam um contexto discursivo e que permitiam a participação parcial dos aprendizes na construção do texto (teste de preenchimento de espaços em branco) e na produção livre de texto, na qual é o sujeito que toma todas as decisões quanto ao contexto e à possibilidade de utilização ou de omissão do pronome sujeito nulo (teste de produção escrita).

Os sujeitos que participaram nesta investigação pertenciam aos grupos naturais dos cursos de Língua e Cultura Portuguesa do Centro Português de Caracas (CPC), uma instituição de ensino de PE como língua estrangeira sediada na Venezuela. Os estudantes, todos de nacionalidade venezuelana, estavam inseridos em três níveis diferentes de ensino-aprendizagem de PE, correspondentes a cursos anuais de cinco horas académicas semanais cada um. Dos sujeitos que participaram na presente investigação, 46 fizeram o teste de aceitabilidade, 54 apresentaram o teste de preenchimento de espaços em branco e 105 realizaram o teste de produção de texto.

2.1. Teste de aceitabilidade

Relativamente ao teste de aceitabilidade, é importante referir que o estudo sobre o caso específico do parâmetro do sujeito nulo nos obriga a procurar elementos sobre a actuação linguística dos sujeitos, mais do que propriamente sobre a sua competência. Isto porque, no caso do espanhol e do PE, a utilização de um pronome sujeito expresso ou nulo nem sempre é uma questão de gramaticalidade; a decisão sobre essa utilização depende de factores tanto linguísticos como extra-linguísticos, os quais podem favorecer, desfavorecer ou forçar uma das duas hipóteses de uso. O que pretendemos avaliar é, portanto, a intuição dos sujeitos em relação à utilização dos pronomes sujeito nulos. Por esta razão, decidimo-nos pela utilização de um teste de aceitabilidade em vez de um teste de gramaticalidade. Na prática, esta decisão traduz-se nas possibilidades de resposta que se proporcionaram aos sujeitos, a quem se pediu que julgassem um conjunto de frases e de fragmentos de textos como: aceitável e preferencial; aceitável mas não preferencial; ou inaceitável.

Baseando-nos numa extensa investigação e revisão bibliográfica sobre a utilização e a omissão dos pronomes pessoais sujeito (Cunha & Cintra, 1991; Duarte, 2004; Franch & Blecua, 1975; Gaya, 2000; Ledezma & Muñoz, 1990; Llorach, 1994; Martín, 2004; Mateus *et al.*, 2003; Morais, 2003; Moura, 2003; Real Academia Española [RAE], 1975), decidimos utilizar a seguinte classificação de contextos de ocorrência de pronomes pessoais sujeito com relação à sua aceitabilidade e gramaticalidade no PE, assim como no espanhol:

- a) Contextos de utilização preferencial do pronome pessoal sujeito expresso:
 - a. Necessidade de distinção entre a 1.^a e a 3.^a pessoas do singular, em caso de coincidência fónica das respectivas formas verbais (ex.: *Eu / Ele era.*);
 - b. Necessidade de distinção entre as várias possibilidades de referência da 3.^a pessoa do singular (ex.: *Ele / Ela / Você era.*), para uma maior precisão acerca da referência concreta do sujeito;
 - c. Necessidade ou desejo de dar ênfase ao sujeito (ex.: *Eu cá não sei de nada.*);
 - d. Necessidade ou desejo de contrapor duas ou mais pessoas diferentes (ex.: *Eu não vou; tu é que vais.*);
- b) Contextos de utilização preferencial do pronome pessoal sujeito nulo:
 - a. Todos aqueles em que não seja preferencial a utilização do pronome pessoal sujeito (ver alínea anterior).
- c) Contextos de utilização obrigatória do pronome pessoal sujeito nulo (expletivo):
 - a. Com os verbos impessoais (ou unipessoais), como *chover*, *haver*, *parecer* ou *acontecer* (ex.: *Choveu. / Não há entradas.*);²
 - b. Utilização de sujeitos indeterminados ou com interpretação arbitrária (ex.: *Batem à porta.*);

O teste de aceitabilidade foi construído com frases e fragmentos de textos produzidos por falantes nativos de PE e que consideramos controlo de uso/não uso obrigatório ou preferencial do pronome sujeito nulo. As frases utilizadas foram seleccionadas a partir de textos autênticos tais como obras literárias, textos jornalísticos e outros de reconhecida exemplaridade no uso do PE³. A decisão de utilizar frases reais é justificada pelo propósito de evitar a tão criticada artificialidade associada aos testes de juízos de gramaticalidade. A utilização de frases autênticas implica, não obstante,

² É possível encontrar em PE, em registos orais muito informais ou em registos escritos com traços de oralidade, sujeitos expletivos em frases apresentativas, i.e., em frases que expressam juízos que envolvem unicamente o acto de reconhecimento ou recusa material de um juízo, tanto com verbos existenciais como com verbos predicativos (Carrilho, 2000a, 2000b, 2001; Cunha & Cintra, 1991; Duarte, 2004; Mateus *et al.*, 2003). Este sujeito expletivo não será, contudo, tomado em conta no presente trabalho, já que não é reconhecido como pertencendo à norma do PE.

³ Os exemplos utilizados foram retirados de obras de autores incluídos em programas de estudo universitário e/ou galardoados com prémios de prestígio (José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Mário de Carvalho, entre outros), assim como de publicações periódicas de grande tiragem e percurso, tais como o jornal *Público* ou a revista *Visão*.

várias dificuldades, concretamente a impossibilidade de controlar o comprimento das frases e o tipo de vocabulário utilizado, elementos usualmente controlados pelos investigadores neste tipo de testes, para evitar a interferência desses factores nos juízos emitidos pelos sujeitos. Não obstante, pareceu-nos que alguns contextos de omissão ou de presença do pronome sujeito nulo são contextos muito específicos que obrigam à utilização de textos e não de simples frases. Por esta razão, utilizamos diálogos curtos para contextos de omissão do pronome sujeito referencial por deixis, extractos de textos literários para contextos de co-referência ou de ênfase, entre outros. Na nossa opinião, o contexto providenciado por estes extractos é mais importante que o controlo do número de palavras ou do vocabulário utilizado.

As frases e fragmentos utilizados têm um número igual para cada uma das propriedades do parâmetro do sujeito nulo estudadas. Como no caso de algumas propriedades não se pode falar de gramaticalidade/agramaticalidade quando o pronome sujeito está presente ou ausente – em certos contextos prefere-se a sua presença e em outros a sua ausência –, decidimos incluir 5 frases para cada uma dessas possibilidades, assim como um número equivalente de frases adicionais para a sua correspondente agramatical ou não preferencial. O teste de aceitabilidade estava, por conseguinte, composto de 5 frases para cada um dos casos seguintes:

- a) Orações declarativas finitas⁴ com omissão de pronomes sujeito referenciais (frases gramaticais de utilização preferencial):
 - (1) *Ele dedicava-se agora à indústria do espectáculo. pro la de terra em terra, pro fazia um pouco de tudo, mas pro gostava sobretudo de sons.* (Carvalho, 2003/2004, p. 78)
- b) Orações declarativas finitas com omissão preferencial de pronomes sujeito referenciais, alteradas através da inclusão de pronomes sujeito referenciais expressos (frases gramaticais, mas de utilização não preferencial):
 - (2) Texto original: *Trifeno foi um magistrado jovial, expendedor, benévolo e amador de jogos. Dormia muito. Lia pouco. Pensava menos. Discorria abundantemente.* (Carvalho, 1994/1998, p. 27)
 Texto modificado: *Trifeno foi um magistrado jovial, expendedor, benévolo e amador de jogos. Ele dormia muito. Ele lia pouco. Ele pensava menos. Ele discorria abundantemente.*
- c) Orações declarativas finitas com realização fonética e gráfica de pronomes sujeito referenciais (frases gramaticais de utilização preferencial):
 - (3) *É ele, como sabe, que tem tais matérias a seu cargo. Eu vivo aqui na cidade e só me ocupo da Secretaria-Geral, por onde tais assuntos não passam.* (Tavares, 2003/2004, p. 141)
- d) Orações declarativas finitas com realização fonética e gráfica preferencial de pronomes sujeito referenciais, alteradas através da omissão desses pronomes (frases gramaticais, mas de utilização não preferencial):

⁴ Não se tomaram em conta contextos como orações imperativas, uma vez que nestes contextos tanto as línguas [+sujeito nulo] como as [-sujeito nulo] permitem a omissão do sujeito.

(4) Texto original: *Um dia os nossos vizinhos ficaram muito agitados. Ele, ao que diziam, estava a ser atacado por um bando de javalis selvagens e defendia-se.* (Carvalho, 2000, p. 93)

Texto modificado: *Um dia os nossos vizinhos ficaram muito agitados. pro Ao que diziam, estava a ser atacado por um bando de javalis selvagens e defendia-se.*

e) Frases com omissão de pronomes sujeito expletivos (frases gramaticais):

(5) *Em Nazaré pro havia sobretudo cultivadores.* (Bessa-Luís, 2001, p. 250)

f) Frases com contextos de omissão de pronomes sujeito expletivos, alteradas através da inclusão de pronomes sujeito expletivos expressos (frases agramaticais):

(6) Frase original: *Não havia segurança e nós não queremos que se arranhe nem um joelho.* (Público, 2005)

Frase modificada: *Ele não havia segurança e nós não queremos que se arranhe nem um joelho.*

2.2. Teste de preenchimento de espaços em branco

O teste de preenchimento de espaços em branco foi utilizado com o objectivo de obter dados sobre a intuição linguística dos aprendizes sobre frases em contexto e já não sobre frases ou fragmentos de textos isolados, uma vez que pensamos que a utilização do pronome sujeito nulo parece ser mais produtiva em texto, por razões que estão associadas com a economia linguística. Os textos utilizados são textos autênticos seleccionados de fontes escritas como jornais, revistas e livros de reconhecida virtuosidade no uso da língua portuguesa. Uma vez que os textos foram produzidos por falantes nativos de PE, considerámo-los controlo de uso/não uso obrigatório ou preferencial do pronome sujeito nulo. Foram escolhidos nove textos de extensões diferentes: cinco fragmentos de romances e quatro de tipo ensaístico ou jornalístico. Para se obter contextos heterogéneos, utilizaram-se dois textos com um único referente para os pronomes sujeito, um texto com dois referentes, quatro com três referentes e um com quatro. Adicionalmente, os textos estão narrados no presente, pretérito perfeito simples e/ou pretérito imperfeito do indicativo, o que proporciona uma boa variabilidade de tempos verbais⁵.

Colocaram-se espaços em branco (116 em total) em situações de omissão preferencial de pronomes sujeito (105), o caso mais frequente no discurso, embora também haja contextos de realização preferencial de pronomes sujeito (7), assim como de omissão obrigatória (3) e de expressão obrigatória (1). Na realização deste teste, distribuíram-se os textos aos sujeitos e pediu-se-lhes explicitamente que os preenchessem com os pronomes pessoais sujeito ou que os deixassem em branco segundo a sua intuição linguística. Para evitar casos em que os sujeitos não utilizassem um pronome por terem dúvidas relacionadas com a ortografia ou acentuação do mesmo, as instruções do teste continham todos os pronomes pessoais sujeito existentes em PE.

⁵ Como sabemos, há tempos verbais que favorecem a ambiguidade entre o pronome sujeito de 1.ª pessoa e o de 3.ª pessoa singular, especificamente o pretérito imperfeito do indicativo. Ex.: *Eu comia / Ele comia.*

2.3. Teste de produção escrita

O teste de produção de texto consistiu na redacção de composições referentes ao tema da auto-descrição. As composições foram recolhidas como parte de um exame de avaliação ministrado pelo CPC, razão pela qual se pediu aos sujeitos que redigissem textos mais ou menos longos consoante o seu nível de ensino-aprendizagem de PE: 60 a 80 palavras os do primeiro nível, 80 a 100 palavras os do segundo nível e 100 a 120 palavras os do terceiro. O objectivo deste teste era o de satisfazer a necessidade de procurar dados na produção real de texto, onde alguns autores crêem que a interlinguagem dos aprendizes se revela muito mais espontaneamente que nos juízos de intuição linguística sobre frases isoladas e desprovidas de contexto (Gries, 2001; ver também Schütze, 1996). Para poder comparar as frequências de utilização e omissão dos pronomes sujeito dos falantes não nativos de PE com as de falantes nativos, utilizou-se como controlo um conjunto de dez textos produzidos por falantes nativos de PE, com características similares às dos textos dos falantes não nativos e produzidos segundo parâmetros equivalentes. Os textos modelo foram seleccionados de fontes encontradas na Internet, seguindo critérios que se relacionam sobretudo com o tipo de texto e com o tema, assim como com a extensão. Todos estes textos têm extensões similares (o mais curto tem 98 palavras e o mais extenso 123), são auto-apresentações e descrições, e caracterizam-se por um discurso informal mas não familiar, o que os aproxima dos textos redigidos pelos falantes não nativos, os quais, embora informais, foram escritos como parte de uma avaliação.

3. Resultados

Foram considerados dados nesta investigação todas as respostas dos sujeitos aos testes realizados. Consideraram-se “coincidências” todas as respostas que concordavam com as respostas dos grupos controlo e/ou com as restrições existentes na língua. Consideraram-se “não coincidências” todas as respostas dos sujeitos que não concordavam com as respostas dos falantes nativos.

No teste de aceitabilidade utilizaram-se os próprios textos autênticos que conformavam o teste como reflexo dos juízos dos falantes nativos. Por esta razão, o que comparamos é, realmente, a média de respostas coincidentes dos sujeitos do estudo com um valor que consideramos ser representativo do juízo médio dos falantes nativos de PE relativamente à expressão ou omissão do pronome pessoal sujeito e que é considerado como de 100%. Para levar a cabo esta comparação e concluir sobre a significância das diferenças obtidas entre os juízos dos falantes não nativos e os valores referência dos juízos dos falantes nativos, utilizou-se um teste *t* com amostra única. No que diz respeito ao teste de preenchimento de espaços em branco, os textos autênticos utilizados são considerados para efeitos deste estudo como reflexo dos juízos dos falantes nativos de PE e servirão, portanto, como grupo controlo. Para além dessa comparação entre as respostas dos falantes não nativos e nativos de PE, efectuada através da aplicação de um teste *t*, realizamos uma segunda comparação, desta feita entre as respostas de ambos grupos e as respostas esperadas segundo as regras gramaticais e estilísticas implicadas

na omissão/expressão do pronome sujeito que decidimos tomar como referência. Para efectuar esta comparação e concluir sobre a significância das diferenças obtidas entre os juízos dos falantes não nativos e nativos e os valores referência, utilizou-se um teste *t* com amostra única. No caso do teste de produção, no qual também dispúnhamos de dois grupos – um de falantes não nativos e um grupo controlo de falantes nativos –, os dados relativos às frequências de utilização ou omissão do pronome sujeito foram analisados através de um teste *t*, o qual tem como objectivo comparar as médias dos grupos e avaliar as diferenças que possam existir entre ambas, permitindo-nos concluir se essas diferenças são ou não significativas. Todos os testes estatísticos foram realizados utilizando o programa SPSS 12.0.

3.1. Teste de aceitabilidade

Os resultados obtidos no teste de aceitabilidade (Quadro 1) demonstram que unicamente 45,1% das respostas dos sujeitos coincidiram com as respostas dos falantes nativos, diferença esta que resultou significativa na aplicação do teste *t* com amostra única ($p < 0.001$). Da mesma forma, os números totais de coincidências para cada contexto analisado individualmente também resultaram significativas na aplicação do teste *t* com amostra única ($p < 0.001$). As diferenças registadas entre a frequência de coincidências nos contextos normais e a frequência de coincidências nos contextos manipulados não resultaram significativas na aplicação do teste de Tuckey HSD ($p < 0.001$).

Observando agora os resultados totais de coincidências das respostas dos falantes não nativos com o valor referência para os juízos nativos, em relação a cada um dos contextos estudados (Quadro 2), vemos ainda que o valor mais elevado de coincidências se registou com o pronome expletivo (60,7%), enquanto as coincidências relativas à utilização do pronome sujeito referencial nulo e expresso chegaram apenas a 37,2% e 35,6%, respectivamente. A diferença encontrada entre a frequência de coincidências em contextos de obrigatoriedade de omissão do pronome sujeito expletivo e os contextos de omissão/expressão preferencial do pronome sujeito referencial resultou ser significativa de acordo com o teste de Tamhane ($p < 0.001$), o que parece indicar um comportamento linguístico dos hispanofalantes aprendizes de PE marcadamente diferenciado relativamente à expressão/omissão dos pronomes pessoais referenciais, por um lado, e expletivos, por outro.

FIXAÇÃO DO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU

<i>n</i> = 46	Coincidências		Não Coincidências		Não Respondeu		Totais	
PSRN Pref.	101	43.9%	128	55.7%	1	0.4%	230	100.0%
PSRN Pref. Manip.	70	30.4%	160	69.6%	0	0.0%	230	100.0%
PSRE Pref.	58	42.0%	79	57.2%	1	0.7%	138 ⁶	100.0%
PSRE Pref. Manip.	73	31.7%	153	66.5%	4	1.7%	230	100.0%
PSEN Obrig.	142	61.7%	87	37.8%	1	0.4%	230	100.0%
PSEN Obrig. Manip.	137	59.6%	93	40.4%	0	0.0%	230	100.0%
Totais	581	45.1%	700	54.3%	7	0.5%	1288	100.0%

Quadro 1: Coincidências das respostas dos falantes não nativos de PE com os valores referência, por contextos, no teste de aceitabilidade. PSRN = pronome sujeito referencial nulo; PSRE = pronome sujeito referencial exposto; PSEN = pronome sujeito expletivo nulo; Pref. = preferencial; Manip. = manipulado; Obrig. = obrigatório.

<i>n</i> = 46	Coincidências		Não Coincidências		Não Respondeu		Totais	
PSRN Pref.	171	37.2%	288	62.6%	1	0.2%	460	100.0%
PSRE Pref.	131	35.6%	232	63.0%	5	1.4%	368	100.0%
PSEN Obrig.	279	60.7%	180	39.1%	1	0.2%	460	100.0%
Totais	581	45.1%	700	54.3%	7	0.5%	1288	100.0%

Quadro 2: Coincidências totais entre as respostas dos falantes não nativos e nativos de PE, por contextos, no teste de aceitabilidade.

3.2. Teste de preenchimento de espaços em branco

No teste de preenchimento de espaços em branco (Quadro 3), vemos que a diferença entre as respostas dos falantes não nativos de PE e os valores referência é significativa ($p < 0.001$), segundo o teste *t* com amostra única, sendo que se observa apenas 57,5% de coincidências entre ambos, o que não acontece com as respostas dadas pelos falantes nativos de PE, que apresentaram 94,8% de coincidências. Da mesma forma, a comparação realizada entre as respostas dos falantes não nativos e nativos de PE e os valores referência demonstrou a existência de uma diferença significativa ($p < 0.001$) entre as respostas de nativos (94,8%) e de não nativos (57,5%).

⁶ O número de frases utilizadas no teste de aceitabilidade em que era preferencial a utilização de um pronome sujeito referencial exposto foi reduzido a 3, uma vez que duas das frases foram descartadas por apresentarem risco de a sua aceitabilidade ser julgada tendo em conta outros factores que não os aqui em estudo.

	Coincidências Falantes Não Nativos de PE (n = 54)		Coincidências Falantes Nativos de PE (n = 1)	
PSRN Pref.	3215	56.7%	99	94.3%
PSRE Pref.	205	54.2%	7	100.0%
PSRE Obrig.	38	70.4%	1	100.0%
PSEN Obrig.	142	87.7%	3	100.0%
Totais	3601	57.5%	110	94.8%

Quadro 3: Coincidências totais entre as respostas dos falantes não nativos e nativos de PE e os valores referência no teste de preenchimento de espaços em branco.

Por outro lado, também neste teste parece haver uma diferença considerável entre as frequências de respostas coincidentes em contextos de expressão/omissão preferencial (54,2% e 56,7%, respectivamente) e em contextos de expressão/omissão obrigatória (70,4% e 87,7%, respectivamente). No entanto, o reduzido número da maioria dos dados por grupo não nos permite realizar nenhum teste estatístico que indique sem lugar a dúvidas se as diferenças notadas entre as frequências relativas de coincidências para cada propriedade/contexto são significativas ou não. De igual forma, e de acordo com os resultados obtidos num teste *t* com amostra única, a diferença entre as respostas a contextos de expressão/omissão obrigatória e os valores referência não é significativa ($p = 0.099$) enquanto que entre as respostas dos falantes não nativos em contextos de expressão/omissão preferencial dos pronomes sujeito e os valores referência há uma diferença significativa ($p < 0.001$). Estes dados permitem-nos concluir que, embora – tanto de forma geral como no que diz respeito aos contextos de referência de expressão/omissão do pronome sujeito – os juízos dos falantes não nativos se diferenciem de forma significativa tanto dos juízos dos falantes nativos como dos valores referência, o mesmo não é verdade para os juízos relativos ao emprego/omissão de pronomes sujeito em contextos de obrigatoriedade. Os aprendizes parecem, portanto, demonstrar intuições linguísticas claramente diferenciadas com relação aos dois tipos de pronomes pessoais sujeito, sendo que apresentam um comportamento semelhante ao dos nativos de PE no que diz respeito aos pronomes expletivos, mas não no que concerne aos pronomes pessoais referenciais.

Analisando os dados recolhidos através da aplicação do teste de preenchimento de espaços em branco, mas comparando unicamente as frequências de emprego de pronomes sujeito expressos e nulos dos falantes não nativos e nativos de PE (Quadro 4), concluímos que, uma vez mais, não há coincidência entre os juízos dos falantes nativos e os dos falantes não nativos de PE: enquanto os falantes nativos utilizam a variante nula dos pronomes sujeito com muito maior frequência (87,9% dos pronomes sujeito empregados pelos falantes nativos foram nulos), os não nativos não apresentam o mesmo comportamento linguístico, com apenas 56,6% de emprego de pronomes sujeito nulos. diferença esta que se verificou ser significativa após aplicação de um teste *t* ($p < 0.001$).

FIXAÇÃO DO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU

	Falantes Não Nativos de PE (n = 54)		Falantes Nativos de PE (n = 1)	
Pronomes sujeito nulos	3546	56.6%	102	87.9%
Pronomes sujeito expressos	2690	42.9%	14	12.1%
Respostas não válidas	28	0.4%	0	0.0%
Totais	6264	100.0%	116	100.0%

Quadro 4: Frequências de emprego de pronomes sujeito nulos e expressos pelos falantes não nativos e nativos de PE, no teste de preenchimento de espaços em branco.

3.3. Teste de produção escrita

Para analisar os dados do teste de produção escrita, contabilizaram-se todos os sujeitos utilizados nas orações finitas presentes nos textos dos dois grupos de falantes nativos e não nativos de PE. Posteriormente, classificaram-se esses sujeitos segundo a sua natureza, tal como se pode observar no Quadro 5. A análise dos resultados do teste de produção escrita revelou dados similares aos obtidos nos dois testes anteriores, já que os falantes não nativos utilizam bastantes expressões referenciais e pronomes pessoais sujeito expressos e, por essa razão, empregam menos pronomes sujeito nulos que os falantes nativos (65,7% e 81,9%, respectivamente), sendo a diferença entre estes dois valores significativa de acordo ao teste *t* aplicado ($p = 0.023$).

	Falantes Não Nativos de PE (n = 103)		Falantes Nativos de PE (n = 10)	
Expressões referenciais	214	14.7%	17	11.8%
PS Expressos	280	19.2%	9	6.3%
PS Nulos	957	65.7%	118	81.9%
Casos duvidosos ⁷	5	0.3%	0	0.0%
Totais	1456	100.0%	144	100.0%

Quadro 5: Frequências de emprego de tipos de sujeito em orações finitas pelos falantes não nativos e nativos de PE, no teste de produção escrita.

⁷ Os casos considerados duvidosos foram unicamente aqueles para os quais nos foi impossível determinar, sem lugar a dúvidas, um sujeito, como acontece no caso do verbo espanhol *gustar* (*gostar* em PE), cuja estrutura argumental difere em PE e em espanhol, especificamente no que diz respeito ao sujeito. Numa oração do espanhol como *Me gustan las golosinas*, o sujeito é *las golosinas*, enquanto que na sua correspondente em PE – *Gosto de guloseimas* – o sujeito é o pronome de 1.ª pessoa singular nulo, i.e., *pro*. Consequentemente, numa frase como *Gostam guloseimas*, não podemos asseverar que, para o aprendente, o sujeito da frase seja o pronome de 1.ª pessoa plural nulo ou o substantivo *guloseimas*.

4. Discussão

Foram aplicados três testes com a finalidade de analisar o comportamento linguístico dos falantes aprendizes de PE L2 no que diz respeito ao emprego do pronome pessoal sujeito expreso e nulo e compará-lo com o comportamento linguístico de falantes nativos de PE. Tanto os testes que avaliavam a intuição linguística dos aprendizes de PE – o teste de aceitabilidade e o teste de preenchimento de espaços em branco – como o teste de produção escrita nos fornecem dados segundo os quais não há coincidência entre o valor que apresenta a IL dos hispanofalantes aprendizes de PE para o parâmetro do sujeito nulo e o valor especificado para a L2: registaram-se apenas 45,1% de coincidências entre as respostas dos falantes não nativos e os valores referência para o PE no teste de aceitabilidade; no teste de preenchimento de espaços em branco, observou-se unicamente uma coincidência na ordem dos 57,5% entre as intuições dos aprendizes de PE como L2 e os valores referência; e, finalmente, registou-se que a frequência de utilização de pronomes sujeito nulos pelos falantes não nativos de PE é significativamente inferior à demonstrada pelos falantes nativos (uma diferença de 31,3% no teste de preenchimento de espaços em branco e de 16,2% no teste de produção escrita).

Os aprendizes parecem demonstrar, para além do já indicado, um outro comportamento linguístico muito interessante, que se prende com uma nítida diferenciação, nas intuições sobre o PE recolhidas pelos testes de aceitabilidade e de preenchimento de espaços em branco, entre os contextos de obrigatoriedade de omissão do pronome expletivo e os contextos relativos ao pronome pessoal referencial, em que a omissão ou expressão do pronome é ditada por uma preferência por uma ou outra. Os falantes não nativos de PE parecem revelar uma sensibilidade a esta diferença entre os dois tipos de pronomes pessoais sujeito e os seus contextos de emprego, já que as suas intuições linguísticas relativas à utilização do pronome expletivo se aproximam bastante mais (comparativamente) das dos falantes nativos de PE: 60,7% de coincidências no teste de aceitabilidade e 87,7% de respostas coincidentes no teste de preenchimento de espaços em branco. Em ambos casos, como vimos, a diferença entre estes valores e aqueles referentes ao pronome pessoal sujeito referencial foram reveladas como significativas pelos testes estatísticos aplicados. Estes dados parecem indicar, portanto, que os dois tipos de pronomes pessoais sujeito devem ser estudados separadamente, já que parecem ser adquiridos de forma diferenciada e talvez até em momentos diferentes do processo de fixação do parâmetro do sujeito nulo.

Podemos concluir, assim, que os hispanofalantes aprendizes de PE parecem não transferir o valor do parâmetro do sujeito nulo associado à L1 para as suas IL. Assim também, não é o valor da L2 para o parâmetro que está a ser aplicado pelos estudantes, uma vez que é o mesmo da L1. Ora bem, se os aprendizes demonstram atitudes e intuições linguísticas que não se aproximam da L1 (nem da L2, já que partilham o mesmo valor do parâmetro), mas parecem antes utilizar o outro valor do parâmetro, o [-sujeito nulo], como é que se explica então esse conhecimento revelado pelos falantes não nativos? Uma explicação possível é que os aprendizes têm acesso à GU, uma vez que, embora tenham a gramática da L1 como base, parecem começar a sua

aprendizagem da L2 de um ponto de partida neutro, no qual participam o *input* da L2, a gramática da L1 e, pensamos nós, os princípios e parâmetros da GU.

Referências

- Bessa-Luís, Agustina (2001) *O princípio da incerteza – Jóia de família* (6.ª ed.). Lisboa: Guimarães Editores.
- Carrilho, Ernestina (2000a) Sobre o expletivo *ele* nos dialectos do português europeu. In *Actas do Congresso Internacional "500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil"*, Évora, Maio 2000. Recuperado a 2 de Janeiro de 2006, de http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2000a.pdf.
- Carrilho, Ernestina (2000b) Construções de expletivo visível em português europeu (não-padrão). In *Congresso Internacional de Linguística "Léxico y Gramática"*, Lugo, Setembro de 2000. Recuperado a 2 de Janeiro de 2006, de http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2000b.pdf.
- Carrilho, Ernestina (2001) Expletivos do português europeu em foco: A evidência dos dados dialectais. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, 28-30 de Setembro de 2000. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. Recuperado a 2 de Janeiro de 2006, de http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2001c.pdf.
- Carvalho, Mário de (1998) *Um deus passeando pela brisa da tarde* (6.ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, S. A.. (Obra original publicada em 1994).
- Carvalho, Mário de (2000) *Contos vagabundos*. Lisboa: Editorial Caminho, S. A..
- Carvalho, Mário de (2004) *Fantasia para dois coronéis e uma piscina* (3.ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, S. A.. (Obra original publicada em 2003).
- Chomsky, Noam (1993) *Lectures on government and binding: The Pisa lectures* (7.ª ed.). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Cook, Vivian, & Newson, M. (1996) *Chomsky's universal grammar: An introduction* (2.ª ed.). Oxford, RU: Blackwell Publishers Ltd.
- Cunha, C. & Cintra, Lindley (1991). *Nova gramática do português contemporâneo* (8.ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda..
- Duarte, Inês (2004) Sintaxe. In Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário (Ed.), *Terminologia linguística – Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário. Versão 1.0*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Flynn, S. (1989) The role of the head-initial/head-final parameter in the acquisition of English relative clauses by adult Spanish and Japanese speakers. In S. Gass e J. Schachter (Eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition*, pp. 89-107. Cambridge: Cambridge University Press.
- Franch, J. & Blecua, J. (1975) *Gramática española*. Barcelona / Caracas / México: Editorial Ariel, S. A..
- Gaya, S. (2000) *Curso superior de sintaxis española* (15.ª ed.). Barcelona, España: Biblograf, S. A..
- Gries, S. T. (2001) A multifactorial analysis of syntactic variation: Particle movement revisited. *Journal of Quantitative Linguistics*, 8 (1), pp. 33-50. Recuperado a 10 de Setembro de 2006, de <http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/stgries/research/overview-research.html>.

- Herschensohn, J. (1998) Minimally raising the verb issue. In A. Greenhill, M. Hughes, H. Littlefield e H. Walsh (Eds.), *Proceedings of the 22nd Annual Boston University Conference on Language Development*, pp. 325-336. Somerville, MA: Cascadilla Press. Recuperado a 27 de Dezembro de 2005, de <http://www.sls.hawaii.edu/bley-vroman/750/herschensohn-BU98.do>.
- Isabelli, C. (2004) The acquisition of null subject parameter properties in SLA: Some effects of positive evidence in a natural learning context. *Hispania*, 87 (1), pp. 150-162. Recuperado a 28 de Dezembro de 2005, de <http://www.unr.edu/cla/fll/isabelli/EffectsPositiveEvidenceIsabelli.pdf>.
- Kong, S. (2001) L1 Chinese speakers and asymmetry of null matrix and embedded subjects in their L2 English. In D. Arnold, F. Franceschina e E. Thomas (Eds.), *Essex Graduate Student Papers in Language & Linguistics*, Volume 3, pp. 33-57. Department of Language and Linguistics, University of Essex, Essex, UK. Recuperado a 28 de Dezembro de 2005, de <http://www.essex.ac.uk/linguistics/pgt/egspll/volume3/pdf/kong.pdf>.
- Ledezma, M. & Muñoz, H. (1990) *Gramática del español de Venezuela: Introducción*. Caracas: Instituto Pedagógico de Caracas / Universidad Pedagógica Experimental Libertador.
- Liceras, J. (1989) On some properties of the “pro-drop” parameter: Looking for missing subjects in non-native Spanish. In S. Gass e J. Schachter (Eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition*, pp. 109-133. Cambridge: Cambridge University Press.
- Llorach, E. (1994) *Gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española / Editorial Espasa Calpe, S. A..
- Lozano, C. (2001) Knowledge of expletive and pronominal subjects by learners of Spanish. In D. Arnold, F. Franceschina e E. Thomas (Eds.), *Essex Graduate Student Papers in Language & Linguistics*, Volume 3, pp. 71-91. Department of Language and Linguistics, University of Essex, Essex, UK. Recuperado a 28 de Dezembro de 2005, de <http://www.essex.ac.uk/linguistics/pgt/egspll/volume3/pdf/lozano.pdf>.
- Martín, E. (2004) *Manual del buen uso del español* (2.ª ed. corr. e aum.). Madrid: Editorial Castalia, S. A..
- Mateus, M., Brito, A., Duarte, I., & Faria, I. (2003) *Gramática da língua portuguesa* (6.ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Mendes, C. G. (2007) *¿Acceso a la GU en la adquisición de L2? Cuando las L1 y L2 comparten el mismo parámetro (pro-drop)* (Tese de Mestrado, Universidad Simón Bolívar, 2007).
- Morais, M. (2003) EPP generalizado, sujeito nulo e línguas de configuração discursiva. In C. Mioto, M. Silva e S. Menuzzi (Orgs.), *Letras de Hoje. Trabalhos do XV Encontro da ANPOLL-GT de Teoria da Gramática*. Rio Grande do Sul. EDIPUCRS, pp. 71-98. Recuperado a 2 de Janeiro de 2006, de <http://www.fflch.usp.br/dlcv/port/MATorres001.pdf>.
- Moura, J. (2003) *Gramática do português actual – Ensino secundário*. Lisboa: Lisboa Editora, S. A..
- Phinney, M. (1987) The pro-drop parameter in second language acquisition. In T. Roeper e E. Williams (Eds.), *Parameter setting*, pp. 221-238. Dordrecht, Holanda: D. Reidel Publishing Company.
- Salvar o Ritz Clube (2005, 23 de Maio) *Público online*. Recuperado a 2 de Janeiro de 2006, de http://olissipo.weblog.com.pt/arquivo/2005_05.html.

FIXAÇÃO DO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU

- Real Academia Española (1973) *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española / Espasa-Calpe, S. A.
- Register, N. (1990) Influences of typological parameters on L2 learners' judgments of null pronouns in English. *Language Learning*, 40 (3), pp. 369-385.
- Schütze, C. T. (1996) *The empirical basis of linguistics: Grammaticality judgments and linguistic methodology*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- Selinker, L. (1991) Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, 10 (3), pp. 209-231. In J. Liceras (Ed.), *La adquisición de las lenguas extranjeras: Hacia un modelo de análisis de la interlengua*, pp. 79-101. Madrid: Visor. (Obra original publicada em 1972).
- Tavares, M. S. (2004) *Equador* (15.ª ed.). Lisboa: Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda. (Obra original publicada em 2003).
- White, L. (1985) The "pro-drop" parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, 35 (1), pp. 47-62.
- White, L. (1986) Implications of parametric variation for adult second language acquisition: An investigation of the pro-drop parameter. In V. Cook (Ed.), *Experimental approaches to second language learning*, pp. 55-72. Oxford: Pergamon Press.